

INTEGRANDO PARADIGMAS PARA ABORDAR A EXPERTISE EM ESTUDOS COGNITIVOS DA TRADUÇÃO¹

Bridging Paradigms to Approach Expertise in Cognitive Translation Studies

Fabio Alves
Igor A. Lourenço da Silva

Tradução: Patrick Rezende²

Revisão de Tradução: Flávia M. Álvaro Machado³

Resumo: Os Estudos Cognitivos da Tradução (ECT) têm utilizado a *abordagem da performance especializada* (APE) para investigar a expertise por aproximadamente duas décadas (Ericsson, 2000; Shreve, 2002). No entanto, os debates atuais sobre a tradução como uma atividade *incorporada, estendida, emergente, situada e afetiva* desafiam

¹ Originalmente publicado em inglês. Referência: ALVES, Fabio; SILVA, Igor A. Lourenço da. Bridging paradigms to approach expertise in cognitive translation studies. In: MUÑOZ MARTÍN, Ricardo; SUN, Sanjun; LI, Defeng (ed.). *Advances in cognitive translation studies*. Singapore: Springer, 2021. p. 89–108.

² Professor Adjunto do Departamento de Estudos da Língua Inglesa, suas Literaturas e Tradução da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com pesquisa na área dos estudos da tradução. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo, com pesquisa na área da tradução e estudos pós-coloniais. Licenciado pleno em Língua Inglesa e Literatura de Língua Inglesa pela Universidade Federal do Espírito Santo. Foi Editor-gerente da Revista PerCursos Linguísticos do PPGEL da UFES de 2013 a 2023 e atualmente é editor da revista LEETRA Indígena da UFSCar. Tem experiência como professor de linguística e línguas estrangeiras modernas. Conduz pesquisas na área de Letras, com ênfase em tradução e teorias pós-coloniais. Possui interesse nos seguintes tópicos: tradução, reescritas, povos indígenas, ensino de línguas estrangeiras modernas, identidade e pragmática. Coordenador da Comissão de Tradução da Abralin. Realizou estágio pós-doutoral na UFSCar sob a supervisão da Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins. Contato: E-mail: patrickrezende@hotmail.com

³ Pós-doutorado em Estudos Linguísticos (UFU) supervisionado pelo Prof. Dr. Igor Lourenço (PPGEL/UFU) dos Estudos da Tradução, Doutora em Letras (UCS/UniRitter). Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade (UCS). Professora Adjunta II do Magistério Superior na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atua no Departamento de Línguas Vernáculas (DLV), do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN). Regime de Dedicção Exclusiva (DE) por aprovação em concurso público federal em Linguística (subárea Linguística Aplicada) no Curso de Graduação Letras-Libras. Experiências profissionais: Tradução e Interpretação, formação de tradutores e intérpretes de Libras/Português (TILSP), e na formação de professores de Libras e Língua Portuguesa. Atividades atuais: Professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguística (mestrado/doutorado) da PPGEL/UFES; pesquisadora em Estudos Linguísticos e Estudos Analíticos-descritivos da Linguagem, com enfoque teórico na Linguística Cognitiva, Semântica Cognitiva e Semântica Lexical com interface nos Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação (simultânea); líder do Grupo de Pesquisas/Estudos Língua(gem) Cognição: escolhas tradutórias e interpretativas (LingCognit/PPGEL/PRPPG/UFES) e Laboratório de Léxico em Libras (LexLibras/PRPPG/UFES). Produção Científica: Autora de diversos artigos científicos-acadêmicos; escritora da obra "Conceitos Abstratos: Escolhas Interpretativas de português para Libras" - Editora Appris Ltda. (3ª edição) e Organizadora de diferentes obras temáticas científico-acadêmicas. Atividades de coordenação: Projeto de Extensão Interpretação Simultânea: contextos especializados (UFES/PROEX: 1115) (2019-atual); coordenou o Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL/PRPPG/UFES - 2022-2024); Membro da Comissão Editorial da Revista (Con)texto do PPGEL/UFES (2020-2024) e Editora-chefe da Revista Letras & Letras do PPGEL/UFU (2026-atual). Contato: E-mail: flavia.m.machado@ufes.br

o *status quo* da APE, especialmente devido ao seu foco principal em explicar a expertise apenas em condições laboratoriais (ver Muñoz, 2014, 2017). Além disso, apelos por revisitações epistemológicas levaram pesquisadores a questionar a clareza, adequação, consistência e eficácia de alguns construtos e tradições de pesquisa na disciplina, incluindo a própria noção de expertise (ver Marín, 2017, 2019). Este capítulo apresenta nossas primeiras reflexões sobre uma possível reconciliação entre a APE e uma abordagem de orientação sociológica, nomeadamente a *abordagem da expertise interacional* (AEI), que se fundamenta nas noções de linguagem e socialização como aspectos essenciais da expertise (ver Collins & Evans, 2007). O quadro teórico resultante pretende fornecer aos ECT uma base necessária para investigar a tradução tanto em condições laboratoriais quanto em situações reais. Espera-se também que ele avance nossa compreensão da expertise, ancorando-a em uma fundamentação epistemológica que seja consistente com os ECT e inter/transdisciplinar – ou seja, capaz de dialogar e fornecer contribuições a outras disciplinas igualmente interessadas no estudo da expertise.

Palavras-chave: Expertise Paradigmas. Tradições de pesquisa. Abordagem da performance especializada (APE). Abordagem da expertise interacional (AEI). Cognição situada, distribuída e incorporada.

Abstract: Cognitive translation studies (CTS) have drawn on the expert performance approach (EPA) to investigate expertise for approximately two decades (Ericsson 2000; Shreve 2002). However, current debates over translation as an embedded, extended, emergent, embodied, and affective activity has challenged the status quo of the EPA, especially because of its primary focus on accounting for expertise solely under laboratory conditions (see Muñoz 2014, 2017). Additionally, calls for epistemological revisitations have led scholars to challenge the clarity, adequacy, consistency and effectiveness of some constructs and research traditions in the discipline, including the notion of expertise (see Marín 2017, 2019). This chapter provides our first insights into potentially reconciling the EPA with a sociologically oriented approach, namely the interactional expertise approach (IEA), that builds on the notions of language and socialization as important aspects of expertise (see Collins and Evans 2007). The resulting framework is expected to provide CTS with the necessary basis to investigate translation under laboratory conditions and real-life situations. It is also expected to advance our understanding of expertise by grounding it on an epistemological basis which is expected to be both CTS consistent and inter/transdisciplinary, that is, capable of working with and providing feedback to other disciplines also concerned with expertise.

Keywords: Expertise. Paradigms. Research traditions. Expert performance. Approach (EPA). Interactional expertise approach (IEA). Situated, distributed and extended approaches.

Introdução

De tempos em tempos, a ciência revisita – ou é convocada a visitar – seus conceitos, métodos, tradições de pesquisa ou paradigmas dominantes para responder a uma série de fatores (cf. Kuhn, 1996 [1962]; Toulmin, 1972; Laudan, 1978). Entre esses

fatores, podem incluir-se críticas de natureza ética, teórica ou metodológica; novos fatos, descobertas e observações perturbadoras que desafiam o quadro teórico vigente; e o surgimento de paradigmas concorrentes que expõem fragilidades antes negligenciadas ou mesmo aceitas devido aos pressupostos subjacentes ao paradigma ou tradição de pesquisa dominante.

Os *Estudos Cognitivos da Tradução* (ECT) constituem uma disciplina jovem. No entanto, já testemunharam algumas ondas significativas de mudança ou chamados por transformações. Em termos kuhnianos, embora tais movimentos não tenham configurado "revoluções científicas", as "anomalias" ou potenciais "crises" decorrentes demandaram a atenção de pesquisadores dos ECT preocupados tanto com o avanço da disciplina quanto com as bases metodológicas, epistemológicas e teóricas de seus paradigmas ou tradições de pesquisa.

Um recente movimento de mudança nos ECT está intimamente ligado a novas abordagens sobre o funcionamento da mente humana (e.g., aprendizagem, atenção, resolução de problemas, criatividade, afeto) no âmbito das ciências cognitivas. Mais especificamente, perspectivas que concebem a cognição como situada, incorporada, distribuída, embutida e estendida (ver Risku & Rogl, 2020) têm desafiado o status quo nos ECT, levando alguns estudiosos a propor métodos, construtos e teorias complementares ou alternativos (ver Halverson, 2010; Muñoz, 2014).

Este capítulo busca contribuir para o debate sobre posições paradigmáticas nos Estudos Cognitivos da Tradução (ECT) ao focalizar um construto em particular: a *expertise*. Argumentamos que os ECT poderiam se beneficiar de uma revisitação desse conceito. Nossa proposta se baseia em duas visões epistemologicamente distintas, mas potencialmente complementares: a *expertise* como desempenho consistentemente superior (Ericsson et al., 1993; Ericsson, 2006), conforme descrito na *abordagem da performance especializada* (APE) da psicologia e ciências cognitivas, e a *expertise* como resultado de socialização/enculturação (Collins & Evans, 2007), conforme abordado nas ciências sociais.

Em consonância com o apelo de Alves (2015, p. 34) por maior interação disciplinar para promover "complementaridade e reciprocidade" como forma de fortalecer os ECT, nossa premissa é que ambas as concepções de *expertise* podem contribuir mutuamente para a compreensão da *expertise* em geral e, especificamente,

da expertise em tradução. Essa visão também se alinha com a proposta de Marín (2019, p. 165) de que "combinar abordagens diversas abre um novo cenário epistemológico no qual o pluralismo epistêmico pode ser adotado, incentivado e praticado em benefício da produção de novos conhecimentos".

O capítulo está dividido em seis seções, incluindo esta Introdução. A Seção 1 apresenta o contexto que nos levou a considerar uma abordagem combinada para o estudo da expertise em tradução. A Seção 2 oferece uma breve descrição dos principais aspectos do modelo da Abordagem da Performance Especializada (APE), enquanto a Seção 3 discute o referencial sociológico que fundamenta nossa proposta. A Seção 4 apresenta nossas reflexões preliminares sobre uma compreensão alternativa da expertise, que possa responder à necessidade de abordar a tradução tanto como tarefa cognitiva quanto como atividade socialmente situada. Por fim, a Seção 5 traz nossas considerações finais, incluindo sugestões para discussões futuras.

1. Considerações Teóricas

De acordo com Kuhn (1996 [1962]), a ciência se estrutura quando a comunidade científica adota um paradigma único (ou seja, um conjunto de pressupostos teóricos e técnicas gerais) para explicar o comportamento de aspectos relevantes do mundo real, como aqueles observados em experimentos e observações. No entanto, uma crise surge quando os cientistas encontram dificuldades crescentes em aplicar o paradigma a uma série de fenômenos, a ponto de perderem o controle sobre sua eficácia. Essa crise é resolvida quando um novo paradigma emerge e gradualmente se consolida na comunidade científica, substituindo o paradigma anterior por meio de uma revolução científica. Uma década depois, Toulmin (1972) criticou a obra de Kuhn, argumentando que uma visão mais realista da ciência deve reconhecer que revisões ocorrem com muito mais frequência do que revoluções dramáticas.

No contexto dos Estudos Cognitivos da Tradução (ECT), observamos que novos paradigmas raramente substituíram os anteriores, coexistindo, em vez disso, em uma comunidade de pesquisadores que podemos chamar de *tomadores de empréstimos teóricos* (noção que expandimos a partir de O'Brien, 2013). O próprio surgimento dos ECT é um exemplo de como a ciência é convocada a revisar seu *status quo*. Na década de 1980, pesquisadores trabalhando de forma independente (Sandrock, 1982; Færch &

Kasper, 1986; Krings, 1986; Olshtain, 1986; Königs, 1986, 1987) começaram a investigar "o processo real pelo qual a tradução final é obtida" (Krings, 1987, p. 160), inspirados, em parte, pelos métodos introspectivos desenvolvidos na psicologia (ver Ericsson & Simon, 1980; Færch & Kasper, 1986). Eles buscavam preencher uma lacuna nos estudos da tradução, que até então se preocupavam "quase exclusivamente com as características linguísticas do *produto* final e não com os aspectos *psicolinguísticos* do *processo* tradutório" (Krings, 1987, p. 161, grifo no original). Embora os ECT nunca tenham substituído — nem pretendido substituir — as abordagens linguísticas da tradução ou quaisquer outras abordagens, consolidaram-se como um campo autônomo, com métodos e pressupostos capazes não apenas de responder a questões até então negligenciadas, mas também de contestar respostas anteriores e formular novas perguntas que sequer poderiam ser concebidas dentro de outros paradigmas ou tradições de pesquisa.

Outros exemplos podem ser observados nos ECT, especialmente no que diz respeito à metodologia. Fraser (1996) criticou a falta de consistência metodológica nos estudos empíricos e experimentais do campo, desencadeando discussões e movimentos em direção a maior robustez na coleta e análise de dados - mudanças positivas que se tornaram perceptíveis aos estudiosos cerca de uma década depois (ver Tirkkonen-Condit 2005; Alvstad, Hild e Tiselius 2011). Jakobsen (2003) demonstrou que as técnicas de think-aloud (protocolos verbais) de fato produzem sobrecarga cognitiva durante a execução de tarefas tradutórias, embora a psicologia da época parecesse apoiar a validade absoluta desse método para qualquer tarefa. Embora a descoberta de Jakobsen possa ter tido pouco impacto fora da pesquisa sobre o processo tradutório, ela - juntamente com novos desenvolvimentos tecnológicos, incluindo o key-logging (ver Jakobsen 2002, 2003) - contribuiu para o gradual abandono ou uso cauteloso dos protocolos think-aloud como principal instrumento de coleta de dados, ou alternativamente, para seu uso integrado a outros métodos no que tem sido denominado triangulação de dados em tradução (ver Alves 2003).

Em uma onda recente, os ECT têm testemunhado um debate fundamentado e advertências internas que questionam suas bases epistemológicas (e.g., Alves e Hurtado Albir 2017; Muñoz 2017) - um debate que vai além da desordem conceitual e terminológica apontada por Shreve já em 1997. De fato, esse debate parece abordar a

seguinte questão: Quais desafios éticos, teóricos, epistemológicos e metodológicos são colocados para um campo que apresenta inconsistências terminológicas e teóricas entre seus estudos e que tem emprestado extensamente de outros domínios, sem necessariamente discutir como acomodar conceitos, pressupostos e construtos em sua própria tradição e como articular-se adequadamente e contribuir com as disciplinas de origem (ver Shreve 1997; Halverson 2010; O'Brien 2013; Alves 2015; Marín 2017) ? Responder a essa questão é fundamental para compreender e agir não apenas sobre como o campo se relaciona e contribui com outras áreas dentro dos estudos da tradução (e.g., estudos de tradução baseados em corpus, estudos culturais da tradução) e com outras disciplinas (e.g., psicologia, linguística, ciência da computação), mas principalmente para produzir conhecimento baseado em fundamentos sólidos e capaz de avançar de forma consistente, seja desenvolvendo seus próprios construtos e paradigmas, seja "emprestando" de outros campos ou disciplinas.

Essa questão vem sendo discutida há pelo menos uma década, mas ganhou maior relevância nos últimos cinco anos. Ao abordar os fundamentos epistemológicos dos ECT, Halverson (2010) afirmou que o campo precisa estar solidamente ancorado nos avanços teóricos das disciplinas de origem, mantendo consistência teórica ao longo do tempo, independentemente da abordagem metodológica adotada. Muñoz (2010) e Risku e Windhager (2013) começaram a questionar a visão da tradução como uma tarefa racional de solução de problemas baseada na aplicação de estratégias e procedimentos voltados para um objetivo desejado. O'Brien (2013) criticou o fato de que o campo tem sido um "tomador de empréstimos teóricos" que raramente oferece contribuições significativas às disciplinas de origem. Alves (2015, p. 34) defendeu uma maior interação disciplinar para promover "complementaridade e reciprocidade" como forma de fortalecer os ECT. Muñoz (2017) argumentou que todo estudo precisa explicitar o modelo de mente ao qual adere. Alves e Hurtado Albir (2017) destacaram que os ECT ainda precisam validar empiricamente seus construtos de pesquisa - um desafio complexo devido à natureza intrincada desses próprios construtos. Mais recentemente, Marín (2017, 2019) desenvolveu um modelo conceitual de performance para avaliar os construtos dos ECT quanto a seus pressupostos, adequação e consistência.

A disciplina também começou a questionar a noção de *expertise* - um construto emprestado da sociologia e da psicologia, áreas que desenvolveram e aplicam

paradigmas distintos, porém coexistentes (e.g., Ericsson et al., 1993; Ericsson, 2006). Introduzido nos estudos da tradução por Moser-Mercer (2000) e Ericsson (2000), com foco em interpretação, e por Shreve (2002, 2006), com ênfase na tradução, esse construto tem sido amplamente utilizado no campo através de um paralelo equivocado com a noção de competência - esta última igualmente marcada por múltiplas e por vezes incompatíveis definições (ver Rothe Neves, 2007). Alguns estudiosos têm oferecido contribuições recentes para desvincular o conceito de expertise da noção de competência (ver Marín, 2017; Shreve, Angelone & Lacruz, 2018; Da Silva, 2020), além de questionar alguns de seus pressupostos fundamentais - como a noção de prática deliberada (Tiselius, 2013b) e os modelos cognitivos tradicionais (Muñoz, 2014).

No que diz respeito à expertise, o campo também tem testemunhado o surgimento de um construto concorrente - a expertise situada em tradução e interpretação, conforme definida por Muñoz (2014). Embora apresente algumas semelhanças com modelos psicológicos tradicionais de expertise, esse construto supostamente oferece um quadro teórico mais adequado para os ECT. Em sua proposta, Muñoz (2014) afirma que esse modelo leva em consideração o contexto que envolve uma tarefa e sua percepção pela comunidade de prática, além de fornecer dimensões mensuráveis para o desenvolvimento da expertise. De acordo com Marín (2017), a expertise situada em tradução e interpretação seria um construto mais sólido do que os modelos existentes, uma vez que seria capaz de "melhor acomodar questões empíricas sobre o papel do ambiente da tarefa tradutória na cognição" (p. 131). Em contrapartida, Da Silva (2020) critica a expertise situada com base no argumento de que um construto excessivamente específico à tarefa poderia, em última instância, limitar a capacidade dos ECT de contribuir com outras disciplinas, incluindo os estudos sobre expertise e desempenho especializado.

A necessidade de considerar o ambiente da tarefa tradutória está intimamente relacionada à "anomalia" produzida pelo recente impulso das abordagens situadas da cognição (isto é, cognição incorporada, embutida, estendida, enactiva e afetiva; ver Risku & Rogl, 2020). Enquanto os estudos anteriores da APE focavam na noção de representação mental, as abordagens situadas atribuem um papel central ao corpo e à interação social e física como constituintes integrais do processo cognitivo. Essas abordagens situadas não constituem uma teoria unificada da cognição, mas seus

principais pressupostos compartilhados podem ser resumidos da seguinte forma: (1) A cognição depende tanto da mente quanto do corpo (tese da incorporação); (2) Ela rotineiramente explora estruturas tanto em ambientes naturais quanto sociais (tese da embutimento); (3) Ela se estende além dos limites dos organismos individuais (tese da extensão; Robbins & Aydede, 2009).

Concordamos com Risku e Rogl (2020) que a incorporação desses desenvolvimentos recentes da ciência cognitiva irá (a) abrir "novas questões e perspectivas de pesquisa" (p. 491) para os ECT; (b) exigir tanto pesquisas laboratoriais quanto investigações sobre como os tradutores "exploram seu ambiente social e material" (p. 492); e (c) demandar interfaces com a ciência cognitiva e disciplinas relacionadas, incluindo neurociência e neuropsicologia, bem como psicologia social, e "mais fortemente com as ciências sociais" (p. 492). Em sua avaliação dos desenvolvimentos futuros para os ECT, Risku e Rogl também apresentam duas citações de Jakobsen (2017, p. 40) particularmente relevantes para a presente discussão:

[...] na pesquisa há espaço tanto para o microscópio quanto para o telescópio, e também para a observação a olho nu. [...] O foco continuará sendo em como um tradutor interage cognitivamente com um texto-fonte (TF) externo, um texto-alvo (TA) externo e uma ferramenta de escrita, mas lançará sua rede mais amplamente para poder considerar melhor fatores individuais, emocionais, interacionais, tecnológicos e institucionais.

Enquanto a primeira citação ressalta a característica plural dos ECT como disciplina capaz de acomodar diferentes objetos de pesquisa, métodos de investigação e até paradigmas divergentes sobre a cognição - os quais, do nosso ponto de vista, não constituem posições teóricas irreconciliáveis (ver Toulmin, 1972; O'Brien, 2017) -, a segunda apresenta uma perspectiva que considera a pesquisa sobre o processo tradutório um campo capaz de incorporar novos paradigmas sem abandonar seu foco original na geração de traduções em tempo real como objeto de estudo. Ambas as citações parecem alinhar-se com as perspectivas de Risku e Rogl para desenvolvimentos futuros nos ECT, particularmente no que diz respeito às perspectivas *a* e *b* mencionadas anteriormente. Adicionalmente, aprofundamos essa discussão considerando a perspectiva (c) de Risku e Rogl, ou seja, propondo uma interface mais robusta entre os ECT e as ciências psicológicas e sociais através do construto da "expertise".

À luz das novas perspectivas que visam desenvolver construtos e quadros teóricos epistemologicamente consistentes para os ECT (ver Marín, 2017, 2019), a abordagem da performance especializada (APE) pode contribuir ainda mais para o campo se for expandida para incorporar fatores de embutimento, extensão, emergência, incorporação e afetividade. Para tanto, propomos um diálogo entre a APE e a abordagem sociológica da expertise desenvolvida por Collins e Evans (2007). Nossa premissa é que um quadro teórico fortemente fundamentado, que reconcilie as abordagens sociológica e psicológica, pode fornecer aos ECT a base necessária para investigar a tradução tanto em condições laboratoriais quanto em situações ecologicamente válidas. Tal framework também responde a discussões mais amplas na sociologia, particularmente no que diz respeito aos conceitos de embutimento e incorporação (ver Dreyfus, 1992; Ribeiro, 2017).

Nas duas próximas seções, delineamos os elementos mais robustos de cada uma dessas abordagens antes de apresentarmos nossas reflexões iniciais sobre como integrá-las na Seção 5. Nosso ponto de partida é a abordagem da performance especializada (APE).

2. Abordagem da Performance Especializada

Segundo Chi (2006), duas grandes tradições se destacam no estudo da expertise. A primeira tradição, denominada "abordagem absoluta da expertise", tem se dedicado a estudar indivíduos "verdadeiramente excepcionais" para compreender "como eles atuam em seu domínio de especialização" (Chi, 2006, p. 21). A segunda tradição, chamada "abordagem relativa da expertise", tem se concentrado na comparação entre especialistas e novatos, sendo os especialistas definidos como aqueles indivíduos com maior conhecimento ou desempenho superior em relação aos novatos.

A *abordagem da performance especializada* (APE) foi introduzida nos Estudos Cognitivos da Tradução (ECT) no início dos anos 2000 (Ericsson, 2000; Shreve, 2002) e, desde então, tem fornecido ao campo um quadro teórico para investigar o conceito de expertise em tradução como alternativa à noção de competência tradutória. Originalmente desenvolvida como uma abordagem absoluta da expertise na psicologia cognitiva, a APE oferece um arcabouço robusto para explicar e investigar

experimentalmente a expertise com base em dois pressupostos fundamentais: (a) a expertise é uma característica inerente ao indivíduo (expertise absoluta), e (b) a expertise resulta da prática deliberada e se manifesta por meio de um desempenho consistentemente superior, mensurado através de tarefas representativas e reproduzíveis em um determinado domínio.

Baseando-se nos estudos laboratoriais pioneiros de Chase e Simon (1973) e Simon e Chase (1973) sobre expertise no xadrez, Ericsson e Smith (1991) inclinam-se mais para a abordagem absoluta, mas admitem a segunda abordagem na etapa 2 de seu modelo de três fases para investigar expertise em domínios onde não há rankings externos para definir desempenho excepcional, como ocorre no desenvolvimento de tradutores profissionais (ver Shreve, 2020). A Etapa 1 consiste em compilar um conjunto de tarefas padronizadas e representativas para capturar o desempenho superior em um determinado domínio. A Etapa 2 envolve a análise detalhada da performance especializada em laboratório, utilizando métodos da psicologia cognitiva, incluindo: (a) métodos para inferir processos mediadores (já que esses processos não são diretamente observáveis), (b) comparações entre especialistas e novatos, (c) estudos aprofundados de casos individuais, e (d) análises de aspectos específicos da performance especializada. O pressuposto subjacente à Etapa 2 é que o mecanismo mediador da performance especializada é estável e pouco influenciado pela experiência adicional no laboratório. A Etapa 3 busca explicar o desempenho superior dos especialistas, ou seja, fornecer fundamentos teóricos e empíricos sobre como adquirir os mecanismos identificados na Etapa 2.

Até onde sabemos, nenhum pesquisador nos ECT seguiu integralmente os três passos em estudos empíricos, especialmente na terceira etapa. De fato, o campo ainda não identificou as tarefas representativas para a tradução (Muñoz, 2014) - uma empreitada difícil, como já apontado por Shreve (2020). Até o momento, essas tarefas só podem ser derivadas de forma especulativa a partir da combinação de tarefas individuais utilizadas em diversos estudos empíricos. No entanto, o problema pode ser ainda maior quando consideramos que a expertise em, digamos, tradução de textos científicos na área médica é consideravelmente diferente da expertise em, por exemplo, tradução de romances contemporâneos.

Essa falta de transferibilidade já foi apontada por vários autores, incluindo Shreve (2002, 2020), ao analisar a expertise em tradução em particular. Contudo, a variação é inerente à tradução, o que pode demandar um grau significativo de expertise adaptativa (ver Hatano e Inagaki, 1986), já que tradutores - mesmo os especialistas (atualmente identificados como tal principalmente por seus pares, e não através de métodos robustos) - geralmente trabalham com diversos domínios e/ou com tipos textuais e tópicos consideravelmente diferentes dentro de um mesmo domínio (por exemplo, diabetes mellitus, anemia falciforme e células-tronco hematopoiéticas). Essa variação está relacionada às ações polimórficas discutidas na próxima seção.

A maioria dos estudos empíricos tem se concentrado em comparações entre indivíduos vagamente definidos como especialistas e não especialistas (por exemplo, Jakobsen, 2002, 2003) ou entre desempenhos em um domínio específico de expertise e em um domínio ligeiramente diferente (por exemplo, Da Silva, 2007, 2012; Schmaltz, 2015), ou mesmo em ambas as abordagens (por exemplo, Dragsted, 2005; Alves, Pagano & Da Silva, 2011). Poucos estudos focaram em indivíduos especialistas isolados (por exemplo, Jakobsen, 2005). Os métodos aplicados geralmente incluíram: (1) registro de teclas (keylogging; por exemplo, Jakobsen, 2002, 2003); (2) protocolos verbais (por exemplo, Englund Dimitrova, 2005; Da Silva, 2015); (3) rastreamento ocular (eye tracking; por exemplo, O'Brien, 2006; Jakobsen & Jensen, 2008); (4) recursos das neurociências, incluindo ressonância magnética funcional (García, 2013; Alves, Szpak & Buchweitz, 2018); ou (5) triangulação de diferentes fontes de coleta de dados (por exemplo, Hvelplund, 2011; Carl & Dragsted, 2012).

Parece-nos que esse potencial não explorado deveria ser devidamente utilizado nos ECT. Embora as discussões teóricas sobre expertise nos ECT tenham sido consistentes com a APE desde Shreve (2002), os estudos empíricos negligenciaram o cerne do paradigma original para fins experimentais. Como concordamos com Jakobsen (2017) que as investigações laboratoriais realizadas no âmbito da pesquisa sobre o processo de tradução continuarão sendo relevantes para os desenvolvimentos futuros dos ECT, parece-nos importante avaliar e aplicar a APE de maneira mais adequada, adotando seu modelo de três etapas em sua plenitude. Isso ainda não ocorreu devido a vários fatores, incluindo: (1) o recrutamento, ou manutenção, de potenciais especialistas com base em critérios sociais (por exemplo, indicação de pares, anos de

experiência) em vez de qualquer medição/avaliação relacionada ao processo de desempenho; (2) a tendência de comparar indivíduos (abordagem "relativa") em vez de focar em realizações consistentemente superiores em tarefas específicas; e (3) a falta de preocupação em fornecer explicações teóricas e empíricas sobre como adquirir os mecanismos mediadores do desempenho especializado. Esses fatores estão, em última análise, relacionados ao fato de que os potenciais especialistas têm sido investigados em um ou dois experimentos que não necessariamente giram em torno de suas áreas centrais de expertise e que não necessariamente fornecem elementos suficientes para avaliar se seu desempenho é *consistente*.

3. Uma Abordagem Sociológica da Expertise

Um modelo bastante diferente de expertise foi proposto por Collins e Evans (2007, p. 2), que concebem a "expertise como algo real e substantivo", em vez de "relacional". Em outras palavras, os autores não estão interessados na "relação dos 'experts' com outros" ou na expertise como uma "atribuição" (isto é, a atribuição de um rótulo). Eles afirmam adotar uma "abordagem realista" que parte "da visão de que a expertise é uma posse real e substantiva de grupos de especialistas e que indivíduos adquirem expertise real e substantiva através de sua participação nesses grupos" (p. 3). Como tal, a expertise só pode ser adquirida através de um processo social, ou seja, "socialização nas práticas de um grupo de especialistas". Por exemplo, um grupo de especialistas em tradução médica consistiria em tradutores especializados em medicina socializados no discurso de médicos, pesquisadores, revisores e editores, para citar apenas alguns. Da mesma forma, tradutores literários especializados seriam socializados no discurso e na prática de escritores, editores e críticos literários, e assim por diante. A expertise resultante de tais socializações pode até ser perdida se o indivíduo passar um determinado período afastado do grupo. Essa socialização exige tempo e esforço por parte do especialista.

O modelo de Collins e Evans é representado graficamente no que eles denominam "Tabela Periódica das Expertises" (ver Tabela 1), uma tabela que contém o tipo de expertise que um indivíduo possui ao emitir julgamentos. Para a presente discussão, nosso interesse reside na expertise especializada (que requer conhecimento

tácito especializado), ou seja, a expertise contributiva e a expertise interacional, conforme definidas a seguir. Collins (2001) refere-se ao conhecimento tácito como "a forma como um ser humano pode ter conhecimentos e habilidades sem ser capaz de articular a regra correspondente" (p. 123). Ao considerar os aspectos das ações humanas que estão socialmente embutidos, ele menciona que a maioria das ações - aquelas que também podem ser chamadas de "ações polimórficas", incluindo as ações na ciência - "exigem que o comportamento seja variado, não aleatoriamente, mas de acordo com as circunstâncias sociais" (p. 125).

Tabela 1 - Tabela Periódica das Expertises. Adaptada de Collins e Evans (2007, p. 14) e posteriormente traduzida

EXPERTISES UBIQUAS					
DISPOSIÇÃO	capacidade interativa capacidade reflexiva				
EXPERTISES ESPECIALIZADAS	<i>CONHECIMENTO TÁCITO UBIQUO</i>			<i>CONHECIMENTO TÁCITO ESPECIALIZADO</i>	
	Conhecimento Superficial	Compreensão Leiga	Conhecimento de Fonte Primária	Expertise Interacional	Expertise Contributiva
	polimórficas mímeomórficas				
METAEXPERTISES	<i>EXTERNAS (expertises transmutadas)</i>			<i>INTERNAS (expertises não-transmutadas)</i>	
	Discriminação ubíqua	Discriminação local	Conhecimento técnico especializado	Discriminação descendente	Expertise referenciada
META-CRITÉRIOS	credenciais		experiência	histórico profissional	

A expertise contributiva é o nível mais alto de expertise especializada e é encontrada entre os indivíduos que efetivamente produzem ou atuam em um

determinado domínio. De forma geral, a expertise contributiva é o tipo de conhecimento tácito que permite a um indivíduo desempenhar funções dentro de um domínio (por exemplo, cirurgiões que operam pacientes, engenheiros civis que projetam edifícios). Por sua vez, a expertise interacional, que está posicionada ao lado da expertise contributiva na “tabela periódica” (no sentido metafórico), implica um conhecimento enciclopédico e fluência na linguagem de um determinado domínio, sem a prática correspondente. Esse é o tipo de conhecimento utilizado por revisores, sociólogos e tradutores para realizar a maior parte de suas tarefas, após conversas e interações com aqueles que possuem expertise contributiva no domínio de seu interesse. Em outras palavras, tradutores possuem expertise contributiva em tradução (ou seja, realizam tarefas de tradução e podem contribuir diretamente para as práticas do domínio), mas, na maioria das vezes, possuem apenas expertise interacional em outros domínios (como medicina, física ou direito).

A expertise interacional também é relevante para especialistas contributivos quando eles precisam compreender ou revisar o trabalho de colegas em seu próprio campo, uma vez que nenhum especialista é capaz de dominar todo o conhecimento de seu domínio. Collins e Evans (2007) propõem uma série de experimentos baseados no jogo de imitação para testar a noção de expertise interacional. Tais experimentos, que têm como objetivo comparar “as habilidades linguísticas específicas de domínio de especialistas interacionais com as de especialistas contributivos e as de não especialistas” (p. 93), forneceram evidências de que a expertise interacional é uma noção relevante para identificar as habilidades de indivíduos com diferentes tipos de expertise.

Essa noção sociológica de expertise ainda precisa consolidar-se nos ECT, mas dois estudos parecem apontar sua relevância para o campo. Utilizando o quadro teórico proposto por Collins e Evans (2007), Ribeiro (2007) entrevistou quatro intérpretes L2-L1 de uma siderúrgica. Seu estudo demonstrou que a expertise interacional desses intérpretes permitia-lhes identificar problemas de conteúdo e linguagem nas interações entre falantes L2 e L1. Em suas interpretações, eles conseguiram mitigar o impacto desses problemas, criando assim as condições necessárias para que os gestores da empresa alcançassem o desejado intercâmbio tecnológico.

Também com base em Collins e Evans (2007), Da Silva (2019) destacou que a expertise interacional é relevante para a tradução especializada. Ele afirmou que "a interação com especialistas da área é uma condição crucial para que um tradutor desenvolva a linguagem necessária para produzir um texto que seja aceito como resultado por um membro da comunidade discursiva de destino" (p. 88), e que "Um tradutor especializado necessita de conhecimento tácito especializado para compreender um texto-fonte especializado e trabalhar tanto no nível de conteúdo quanto no discursivo durante a produção do texto-alvo" (p. 88). Como a linguagem é socialmente construída (ver Halliday, 1977), segue-se que a tradução, escrita e leitura, entre diversas outras práticas linguísticas, exigem interações em um contexto social. Na verdade, o escopo dessas interações vai além do contato com especialistas da área. Envolve interações com outras partes interessadas nos fluxos de trabalho do projeto, incluindo colegas tradutores, editores/revisores, gerentes de projeto e terminólogos. No entanto, o ponto crucial aqui é que nada disso é verdadeiramente relevante se o tradutor não estiver engajado no discurso *falado* daqueles do domínio para o qual está traduzindo em primeiro lugar. Assim, a socialização nas práticas de um grupo é essencial para qualquer especialista, seja um expert contributivo ou interacional. Exige tempo e esforço para adquirir conhecimento tácito especializado, ou seja, uma compreensão profunda de "regras" que não podem ser expressas verbalmente, já que um indivíduo só as adquire através de suas práticas com o grupo social.

A expertise, particularmente a expertise interacional, está intimamente ligada à linguagem *falada* e à socialização, permitindo que especialistas em potencial e efetivos possam se beneficiar da proximidade visual com as práticas e da participação nelas. Collins (2018) vai ainda além ao afirmar que o atual sucesso do aprendizado profundo (*deep learning*) na tradução e em outras atividades relacionadas à linguagem se baseia no fato de que os computadores estão agora mais próximos de serem entidades socializáveis do que qualquer geração anterior de computadores.

4. Reflexões sobre como conciliar duas abordagens distintas, mas promissoras e complementares

Em nossa opinião, incorporar um quadro sociologicamente orientado de expertise nos ECT representa uma tentativa promissora de impulsionar as abordagens situadas da cognição no campo. Algumas das vantagens da abordagem de Collins e Evans incluem:

(a) Ela enfatiza a linguagem, particularmente a utilizada no discurso falado, como um componente essencial da expertise,

(b) Afirma claramente que a socialização é condição *sine qua non* para adquirir, manter e expressar expertise,

(c) A noção de expertise interacional é relevante para compreender por que e como diversos profissionais, incluindo tradutores, destacam-se por meio da linguagem⁴ em vários domínios, especialmente científicos,

(d) Defende que a expertise não é relacional nem relativa,

(e) É passível de experimentação, como no jogo de imitação, ou seja, apesar de sua natureza social, parte do pressuposto de que é possível encontrar evidências em condições relativamente controladas.

Os elementos *a*, *b* e *c* estão claramente relacionados ao objeto de pesquisa, ou seja, à expertise em tradução como uma tarefa situada, sendo que o elemento *a* demonstra que a manifestação física da expertise no mundo real é relevante, e o elemento *b* se relaciona claramente às abordagens situadas da cognição. Isso parece nos fornecer argumentos para começar a responder à seguinte questão: O que é a expertise em tradução em um mundo em que tradutores, com diferentes formações acadêmicas e trajetórias profissionais, mantêm contatos presenciais e virtuais com outros seres humanos (como clientes diretos, agências de tradução, outros tradutores em projetos colaborativos e não tradutores em atividades de tradução coletiva) e fazem usos diversos de saídas de traduções automáticas, memórias de tradução e/ou várias outras ferramentas para produzir um ou mais textos-alvo monomodais ou multimodais, a partir de um ou mais textos-fonte vagamente definidos, enquanto trabalham de casa ou em uma instituição, em diferentes contextos ergonômicos?

⁴ Observe-se que Collins e Evans (2007) estão particularmente preocupados com o discurso falado e o conhecimento tácito como a principal fonte da expertise interacional. Isso significa que, por exemplo, a metalíngua utilizada pelos stakeholders que trabalham em colaboração em projetos de tradução deve ser útil para as práticas linguísticas, mas não determinante para a expertise interacional.

Em nossa avaliação, o elemento *c* pode representar uma contribuição significativa para a disciplina de origem, uma vez que os tradutores constituem um caso paradigmático: detêm expertise contributiva no campo da tradução (i.e., executam tarefas tradutórias), mas podem ter desenvolvido expertise interacional em outros domínios (i.e., "articulam-se" como especialistas formais nos campos dos textos que traduzem). Adicionalmente, os elementos *d* e *e* emergem como fatores cruciais para conciliar a *Abordagem da Performance Especializada* (EPA) com o que poderíamos designar como *Abordagem da Expertise Interacional* (AEI). Primeiramente, como sustenta Da Silva (2020), os ECT ainda estão desenvolvendo metodologias para investigar expertise absoluta - que, em nossa perspectiva, não pressupõe benchmarks consolidados para tradutores "especialistas" no mercado linguístico, mas sim uma avaliação estruturada de *desempenho consistentemente superior*, considerando *produto* e *processo* tradutórios. A escassez de parâmetros setoriais deriva provavelmente da elevada variabilidade entre práticas e mercados de tradução, o que não obsta, contudo, a investigação da expertise absoluta, desde que tal variabilidade seja incorporada nos delineamentos de pesquisa.

Em segundo lugar, como argumentou Jakobsen (2017), os ECT necessitam de um quadro teórico que permita acessar tanto os aspectos micro quanto macro da expertise, sendo que os aspectos micro incluem variáveis como pausas e recursividade, e os aspectos macro englobam variáveis como ergonomia e colaboração. Em terceiro lugar, o indivíduo pode ser entendido como "um sintoma do grupo social" (Collins, 2018, p. 125), e na teoria de Collins e Evans (2007), investigar o social e examinar o individual não são abordagens excludentes.

Eles também não se enquadram na Abordagem da Performance Especializada porque:

- (1) A noção de prática deliberada exige feedback, ou seja, a expertise não é desenvolvida por um indivíduo de forma isolada e afastada do ambiente de trabalho/aprendizagem. Ainda que o feedback generalizado tenha sido apontado como uma prática ausente na indústria da tradução (ver Tiselius 2013a, b; Shreve 2020), tradutores recebem algum tipo de retorno de clientes quando, por exemplo, perguntam se compreenderam corretamente determinado trecho. Do mesmo modo, também recebem algum tipo de

feedback de agências quando, por exemplo, são penalizados por não terem realizado adequadamente um trabalho, incluindo o não cumprimento do prazo estabelecido.

(2) A partir do item 1, decorre que as tarefas reprodutíveis utilizadas em laboratório devem ser derivadas da expertise real no mundo do trabalho. Portanto, não podem ser dissociadas da dimensão social em algum nível. Novamente, suponha-se que se deseje investigar a expertise “absoluta”. Nesse caso, tais tarefas precisam considerar tanto os tipos de conteúdo traduzidos na indústria (em termos de gênero, extensão, etc.) quanto os tipos de trabalhos efetivamente encomendados a determinado tradutor (em termos de tema, pressão temporal, etc.). Mesmo que seja necessário comprometer alguma variável (por exemplo, o tamanho do texto) em prol de um experimento, a validade ecológica deve garantir a maior proximidade possível com experiências reais. Talvez o primeiro passo nessa direção seja o estabelecimento de prioridades para a validade ecológica em experimentos com tradução. Estabelecer tais prioridades poderia ser um dos principais objetivos ou efeitos colaterais de estudos etnográficos.

(3) A partir dos itens 1 e 2, conclui-se que, ao compreendermos a tradução como uma tarefa situada, somos agora levados a projetar tarefas reprodutíveis que capturem esse aspecto em algum nível e também a considerá-lo em nossa interpretação dos dados, já que a interação social e o ambiente são parte inerente dessa expertise.

Quanto ao item (3), dois exemplos podem contribuir para esta discussão. Primeiro, a interação humano-computador tem sido um termo recorrente na área, mas dificilmente investigado de forma adequada como parte da cognição (ver O’Brien 2020), sendo comum que pesquisadores presumam que as condições de laboratório não interferem no desempenho. Assim, devemos agora dedicar a devida atenção à interação humano-computador como um objeto central de pesquisa em nossos desenhos experimentais. Segundo, tarefas interativas entre tradutores e entre tradutores e revisores/revisores de prova podem ser relativamente fáceis de conceber, dado o atual estado da tecnologia. Isso, no entanto, não exclui a necessidade de que, antes disso, tenhamos estudos de ambiente de trabalho com orientação etnográfica que

documentem *como* os profissionais interagem e com quem, para que tais tarefas interativas possam, de fato, ser simuladas em termos experimentais (ver item 2 acima). Em outras palavras, talvez não sejamos capazes de captar o quadro geral de imediato em condições laboratoriais — assim como nenhum outro tipo de abordagem será capaz disso —, já que há variáveis demais a considerar. A vantagem de avaliarmos o potencial da articulação entre esses dois paradigmas distintos e, ao mesmo tempo, promissora e complementarmente convergentes, é que ela nos dá liberdade para transitar do social para o individual e do individual para o social, dependendo das perguntas que queremos ou precisamos responder.

A Tabela 2 apresenta um esboço de design com o objetivo de ilustrar como esses dois paradigmas podem ser articulados e como questões de pesquisa poderiam ser respondidas com base em seu poder explicativo ampliado. A divisão entre IEA e EPA serve apenas para fins de visualização. Como o foco idealmente deve recair tanto sobre o social quanto sobre o individual, espera-se que a variedade de materiais e métodos seja ampla e dependa dos temas específicos de pesquisa.

Por exemplo, um estudo voltado à investigação da colaboração poderia incluir entrevistas, grupos focais, análise de trocas de arquivos, alterações rastreadas no texto de chegada e revisões orientadas por feedback. Em contraste, um estudo centrado no desempenho poderia recorrer a avaliações dos textos traduzidos feitas por membros do público-alvo, bem como à durabilidade das tarefas de tradução realizadas pelos tradutores, medida por métricas como a recorrência e o tempo de produção. Isso parece indicar que a triangulação deve assumir um papel central nos esforços futuros.

Tabela 2 – Aspecto convergente das abordagens IEA e EPA

Tópicos de Pesquisa	Amostras para cada abordagem		Foco
	Abordagem da Expertise Interacional (AEI)	Abordagem da Performance Especializada (EPA)	
Aspecto macro Colaboração	Evidenciada pelo engajamento entre as partes interessadas e os profissionais	Evidenciada pelo impacto do feedback no desempenho dos profissionais	Social e individual
Aspecto macro Discurso	Evidenciado por meio das trocas discursivas entre as partes interessadas e os profissionais	Evidenciado por meio de padrões de atividade metacognitiva entre os profissionais	Social e individual
Aspecto macro Interação	Evidenciada por meio de padrões interativos entre as partes interessadas e os profissionais	Evidenciada por meio do impacto de fatores externos no desempenho dos profissionais	Social e individual
Aspecto micro Desempenho	Evidenciado por meio de feedback positivo das partes interessadas e dos profissionais	Evidenciado por meio da eficácia na execução de tarefas em relação a métricas padrão	Social e individual
A ser ampliado...	[...]	[...]	A ser ampliado...

Em suma, a noção de expertise proposta por Ericsson tem sido amplamente mencionada nos Estudos Cognitivos da Tradução (ECT) (ver Schäffner e Adab 2000; Sirén e Hakkarainen 2002; Shreve 2002, 2006; PACTE 2003, 2005, 2011, 2017; Muñoz 2014; Tiselius 2013a, b; Alves 2015; Shreve, Angelone e Lacruz 2018), embora os estudos ainda não tenham desenvolvido um conjunto de tarefas e métricas que permitam investigar de fato a expertise como desempenho consistentemente superior. Ainda assim, essa noção tem iluminado nossos métodos e pressupostos teóricos sobre o que caracteriza um tradutor especialista em um determinado domínio. Por sua vez, a noção de expertise de Collins e Evans, embora raramente utilizada nos ECT (ver Da Silva 2019, 2020), mostra-se promissora para a realização de estudos voltados à tradução como ato situado, bem como para a compreensão de como tradutores desenvolvem expertise em linguagem por meio da interação com especialistas da área para a qual traduzem, tanto quanto com outras partes envolvidas nos fluxos de trabalho dos projetos.

Tais perspectivas são, ao que tudo indica, complementares, e não mutuamente excludentes, pois uma foca no desenvolvimento da expertise em tradução (isto é, por meio de interações e da aquisição da linguagem da cultura-alvo), enquanto a outra se concentra em aspectos fundamentais do comportamento especializado em um determinado domínio (por exemplo, o quão consistente é alguém ao executar um

conjunto de tarefas bem planejadas e especificamente desenhadas para captar esse comportamento especializado). Além disso, a noção de linguagem e de socialização como aspectos importantes da expertise mostra-se promissora para os ECT, uma vez que a expertise em tradução exige fluência discursiva. Isso pode muito bem refletir — ou mesmo levar à — metalinguagem da indústria da linguagem, como observada nas trocas comunicativas entre as partes envolvidas. Ainda assim, envolve particularmente o conhecimento de regras implícitas de uso da linguagem e de organização textual que só são aprendidas por meio de processos de socialização entre profissionais e demais envolvidos. Assim, a expertise está majoritariamente relacionada à fluência discursiva em um domínio muito específico (ver, por exemplo, Pagano e Da Silva 2008, no campo da anemia falciforme; Braga 2012, no campo dos rejeitos radioativos; Da Silva e Pagano 2017, no campo da física; Cordeiro et al. 2019, no campo do diabetes mellitus).

5. Considerações Finais

Diferentemente do que sugeriria Kuhn (1996 [1962]), nossa proposta não busca resistir à mudança ao tratar de uma falha específica da tradição de pesquisa atual. Na verdade, acreditamos que nosso ponto de vista oferece uma alternativa sólida para revisitar o conceito de expertise nos Estudos Cognitivos da Tradução.

Segundo Toulmin (1972), os seres humanos demonstram sua racionalidade ao se mostrarem dispostos a responder a situações novas com mente aberta, reconhecendo e superando as limitações do passado. Este capítulo apresenta nossos primeiros insights sobre a articulação entre a Abordagem da Performance Especializada (EPA) e a Abordagem da Expertise Interacional (AEI). Nosso objetivo final é propor um arcabouço que integre ou, ao menos, explore as vantagens de ambas. Esperamos que tal arcabouço, uma vez amadurecido, possa ser utilizado empiricamente para testar a expertise em tradução, respondendo assim às críticas e aos apelos por aprimoramento como os apresentados por Halverson (2010, 2020) e por outros estudiosos. De fato, acreditamos que os pressupostos de uma abordagem sociologicamente orientada da expertise em tradução, que conceda “espaço e prioridade à linguagem” (Halverson 2020), serão fundamentais para suprir a ausência, na EPA, de uma consideração adequada do papel da linguagem na expertise. Ao assumir a centralidade da linguagem nesse processo, será igualmente necessário o compromisso com uma teoria linguística

— especialmente uma que compreenda a linguagem como socialmente construída (ver Halliday 1977; Matthiessen 2020).

Este é um insight preliminar que abre espaço para reflexão e debate posteriores. Teremos que considerar como reunir dados quantitativos e qualitativos, bem como dados experimentais e da vida real, dentro desse arcabouço combinado de expertise, focando principalmente na performance *consistentemente* esperada de indivíduos especialistas representativos. Nesse sentido, o paradigma da triangulação, amplamente adotado nos ECT, desempenha um papel fundamental (ver Alves 2003). Isso pode implicar que estudos de caso ou estudos exploratórios terão um papel de destaque nas primeiras investigações, sem que percamos de vista a comparabilidade entre estudos e a coleta de grandes volumes de dados a médio ou longo prazo. Estamos cientes de que tudo isso precisará passar por diversos testes — tanto empíricos quanto epistemológicos, incluindo, por exemplo, o arcabouço de Marín (2017, 2019) e seus desenvolvimentos futuros. Além disso, ainda é necessário examinar o quão relacionáveis ou comparáveis são a EPA e a abordagem sociologicamente orientada, especialmente no âmbito epistemológico.

Também estamos cientes de que termos como cognição incorporada, incorporada no contexto, estendida, encenada e afetiva são multifacetados e suscetíveis a equívocos conceituais. Como apontam Risku e Rogl (2020), há sobreposições entre esses conceitos, e a clareza terminológica é fundamental. Nesse sentido, concordamos com o apelo de Alves e Jakobsen (2020) pelo que eles chamam de uma abordagem situada, distribuída e estendida para o estudo dos Estudos Cognitivos da Tradução. Em consonância com Alves e Jakobsen, acreditamos que essa tríade pode nos permitir articular a EPA e a AEI. Em suma, nossa expectativa é que o arcabouço resultante contribua para fomentar a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade (ver Austin, Park e Goble 2008; Lawrence 2010) ou, pelo menos, para apoiar o pluralismo epistêmico (ver Marín 2019) dentro dos ECT. Dessa forma, esperamos contribuir para um arcabouço geral da expertise, mesmo que nosso foco permaneça na tradução e interpretação. Este pode ser um dos primeiros passos dentro dos ECT rumo a uma verdadeira interface com outras disciplinas e à contribuição para elas.

5. Referências

ALVES, F. (Ed.). *Triangulating translation: Perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

ALVES, F. Translation process research at the interface. Paradigmatic, theoretical, and methodological issues in dialogue with cognitive science, expertise studies, and psycholinguistics. In: FERREIRA, A.; SCHWIETER, J. W. (Ed.). *Psycholinguistic and cognitive inquiries into translation and interpreting*. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p. 17–40.

ALVES, F.; HURTADO-ALBIR, A. Evolution, challenges, and perspectives for research on cognitive aspects of translation. In: SCHWIETER, J.; FERREIRA, A. (Ed.). *The handbook of translation and cognition*. Oxford: Wiley Blackwell, 2017. p. 537–554.

ALVES, F.; JAKOBSEN, A. L. Grounding cognitive translation studies: Goals, commitments and challenges. In: ALVES, F.; JAKOBSEN, A. L. (Ed.). *The Routledge handbook of translation and cognition*. London: Routledge, 2020. p. 545–554.

ALVES, F.; PAGANO, A.; DA SILVA, I. A. L. Modeling (un)packing of meaning in translation: Insights from effortful text production. In: SHARB, B.; ZOCK, M.; CARL, M.; JAKOBSEN, A. L. (Ed.). *Proceedings of the 8th international NLPCS workshop*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2011. p. 153–162.

ALVES, F.; SZPAK, K. S.; BUCHWEITZ, A. Translation in the brain: Preliminary thoughts about a brain-imaging study to investigate psychological processes involved in translation. In: LI, D.; CHENG, V. L.; HE, Y. (Ed.). *Researching cognitive processes in translation*. Berlin: Springer, 2018. p. 121–138.

ALVSTAD, C.; HILD, A.; TISELIUS, E. (Ed.). *Methods and strategies of process research: Integrative approaches in translation studies*. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

AUSTIN, W.; PARK, C.; GOBLE, E. From interdisciplinary to transdisciplinary research: a case study. *Qualitative Health Research*, v. 18, n. 4, p. 557–564, 2008.

BRAGA, C. N. O. *O texto traduzido sob a perspectiva do avaliador: Um estudo exploratório*. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CARL, M.; DRAGSTED, B. Inside the monitor model: processes of default and challenged translation production. *Translation: Computation, Corpora, Cognition*, v. 2, n. 1, p. 127–143, 2012.

CHASE, W. G.; SIMON, H. A. The mind's eye in chess. In: CHASE, W. G. (Ed.). *Visual information processing*. New York: Academic Press, 1973. p. 215–281.

CHI, M. T. H. Two approaches to the study of experts' characteristics. In: ERICSSON, K. A.; CHARNESS, N.; FELTOVICH, P. J.; HOFFMAN, R. R. (Ed.). *The Cambridge handbook of expertise and expert performance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 21–30.

COLLINS, H. What is tacit knowledge? In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). *The practice turn in contemporary theory*. London: Routledge, 2001. p. 107–119.

COLLINS, H. *Artificial intelligence: Against humanity's "surrender" to computers*. Cambridge: Polity Press, 2018.

COLLINS, H.; EVANS, R. *Rethinking expertise*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

CORDEIRO, E. M. et al. Validation of instrument to assess community health care workers knowledge about diabetes. *Reme. Revista Mineira de Enfermagem*, v. 23, p. 1–7, 2019.

DA SILVA, I. A. L. *Conhecimento experto em tradução: Aferição da durabilidade de tarefas tradutórias realizadas por sujeitos não-tradutores em condições empírico-experimentais*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

DA SILVA, I. A. L. *(Des)compactação de significados e esforço cognitivo no processo tradutório: Um estudo da metáfora gramatical na construção do texto traduzido*. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

DA SILVA, I. A. L. On a more robust approach to triangulating retrospective protocols. In: FERREIRA, A.; SCHWIETER, J. W. (Ed.). *Psycholinguistic and cognitive inquiries into translation and interpreting*. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p. 175–201.

DA SILVA, I. A. L. An interactional expertise-based approach to specialized inverse translation. *Tradução Em Revista*, v. 26, n. 1, p. 86–98, 2019.

DA SILVA, I. A. L. Translation, expert performance, and cognition. In: ALVES, F.; JAKOBSEN, A. L. (Ed.). *The Routledge handbook of translation and cognition*. London: Routledge, 2020. p. 461–477.

DA SILVA, I. A. L.; PAGANO, A. Cognitive effort and explicitation in translation tasks. In: HANSEN-SCHIRRA, S.; CZULO, O.; HOFMANN, S. (Ed.). *Empirical modelling of translation and interpreting*. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 155–175.

DRAGSTED, B. Segmentation in translation differences across levels of expertise and difficulty. *Target*, v. 17, n. 1, p. 49–70, 2005.

DREYFUS, H. L. *What computers still can't do*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

ENGLUND DIMITROVA, B. *Expertise and explication in the translation process*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

ERICSSON, K. A. Expertise in interpreting: An expert-performance perspective. *Interpreting*, v. 5, n. 2, p. 187–220, 2000.

ERICSSON, K. A. The influence of experience and deliberate practice on the development of superior expert performance. In: ERICSSON, K. A. et al. (Ed.). *The Cambridge handbook of expertise and expert performance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 683–703.

ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T.; TESCH-RÖMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review*, v. 100, n. 3, p. 363–406, 1993.

ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. Verbal reports as data. *Psychological Review*, v. 87, n. 3, p. 215–251, 1980.

ERICSSON, K. A.; SMITH, J. *Toward a general theory of expertise: Prospects and limits*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

FÆRCH, C.; KASPER, G. *Introspection in second language research*. Clevedon: Multilingual Matters, 1986.

FRASER, J. The translator investigated: Learning from translation process analysis. *The Translator*, v. 2, n. 1, p. 65–79, 1996.

GARCÍA, A. M. Brain activity during translation: a review of the neuroimaging evidence as a testing ground for clinically-based hypotheses. *Journal of Neurolinguistics*, v. 26, p. 370–383, 2013.

HALLIDAY, M. A. K. Text as semantic choice in social context. In: VAN DIJK, T. A.; PETÖFI, J. S. (Ed.). *Grammars and descriptions*. Berlin: Walter de Gruyter, 1977. p. 176–225.

HALVERSON, S. L. Cognitive translation studies: Developments in theory and methods. In: SHREVE, G. M.; ANGELONE, E. (Ed.). *Translation and cognition: Recent developments*. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 349–369.

HALVERSON, S. L. Translation, linguistic commitment and cognition. In: ALVES, F.; JAKOBSEN, A. L. (Ed.). *The Routledge handbook of translation and cognition*. London: Routledge, 2020. p. 37–51.

HATANO, G.; INAGAKI, K. Two courses of expertise. In: STEVENSON, H.; AZUMA, H.; HAKUTA, K. (Ed.). *Children development and education in Japan*. New York: Freeman, 1986. p. 262–272.

HVELPLUND, K. T. *Allocation of cognitive resources in translation: An eye-tracking and key-logging study*. 2011. Tese (Doutorado) – Copenhagen Business School, Copenhagen, 2011.

JAKOBSEN, A. L. Orientation, segmentation, and revision in translation. In: HANSEN, G. (Ed.). *Empirical translation studies: Process and product*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002. p. 191–204.

JAKOBSEN, A. L. Effects of think aloud on translation speed, revision and segmentation. In: ALVES, F. (Ed.). *Triangulating translation: Perspectives in process-oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 69–95.

JAKOBSEN, A. L. Instances of peak performance in translation. *Lebende Sprachen*, v. 50, n. 3, p. 111–116, 2005.

JAKOBSEN, A. L. Translation process research. In: SCHWIETER, J. W.; FERREIRA, A. (Ed.). *The handbook of translation and cognition*. Oxford: Wiley Blackwell, 2017. p. 21–49.

JAKOBSEN, A. L.; JENSEN, K. T. H. Eye movement behaviour across four different types of reading task. In: GÖPFERICH, S.; JAKOBSEN, A. L.; MEES, I. (Ed.). *Looking at eyes: Eye-tracking studies of reading and translation processing*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2008. p. 103–124.

KÖNIGS, F. G. Der Vorgang des Übersetzens: Theoretische Modelle und praktischer Vollzug: Zum Verhältnis von Theorie und Praxis in der Übersetzungswissenschaft. *Lebende Sprachen*, v. 31, n. 1, p. 5–12, 1986.

KÖNIGS, F. G. Was beim Übersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen. *Die Neueren Sprachen*, v. 86, n. 2, p. 162–185, 1987.

KRINGS, H. P. *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht: Eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern*. Berlin: Narr, 1986.

KRINGS, H. P. The use of introspective data in translation. In: FÆRCH, C.; KASPER, G. (Ed.). *Introspection in second language research*. Clevedon: Multilingual Matters, 1987. p. 159–176.

KUHN, T. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

LAUDAN, L. *Progress and its problems: Towards a theory of scientific growth*. California: University of California Press, 1978.

LAWRENCE, R. J. Deciphering interdisciplinary and transdisciplinary contributions. *Transdisciplinary Journal of Engineering and Science*, v. 1, p. 111–116, 2010.

MARÍN GARCÍA, A. *Theoretical hedging: The scope of knowledge in translation process research*. 2017. Tese (Doutorado) – Kent State University, Kent, 2017.

MARÍN GARCÍA, A. The opportunities of epistemic pluralism for Cognitive Translation Studies. *Translation, Cognition & Behavior*, v. 2, n. 2, p. 147–168, 2019.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Translation, multilingual text production and cognition viewed in terms of systemic functional linguistics. In: ALVES, F.; JAKOBSEN, A. L. (Ed.). *The Routledge handbook of translation and cognition*. London: Routledge, 2020. p. 517–544.

MOSER-MERCER, B. The rocky road to expertise in interpreting: Eliciting knowledge from learners. In: KADRIC, M.; KAINDL, K.; PÖCHHACKER, F. (Ed.). *Translationswissenschaft*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2000. p. 339–352.

MUÑOZ MARTÍN, R. Leave no stone unturned: On the development of Cognitive Translatology. *Translation and Interpreting Studies. The Journal of the American Translation and Interpreting Studies Association*, v. 5, n. 2, p. 145–162, 2010.

MUÑOZ MARTÍN, R. Situating translation expertise: A review with a sketch of a construct. In: SCHWIETER, J. W.; FERREIRA, A. (ed.). *The development of translation competence: Theories and methodologies from psycholinguistics and cognitive science*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2014. p. 2–56.

MUÑOZ MARTÍN, R. Looking at the future of cognitive TS. In: SCHWIETER, J.; FERREIRA, A. (ed.). *The handbook of translation and cognition*. Oxford: Wiley Blackwell, 2017.

O'BRIEN, S. Eye-tracking and translation memory matches. *Perspectives: Studies in Translatology*, v. 14, n. 3, p. 185–205, 2006.

O'BRIEN, S. The borrowers: researching the cognitive aspects of translation. *Target*, v. 25, n. 1, p. 5–17, 2013.

O'BRIEN, S. Machine translation and cognition. In: SCHWIETER, J. W.; FERREIRA, A. (ed.). *The handbook of translation and cognition*. Oxford: Wiley Blackwell, 2017. p. 313–331.

O'BRIEN, S. Translation, human-computer interaction and cognition. In: ALVES, F.; JAKOBSEN, A. L. (ed.). *The Routledge handbook of translation and cognition*. London: Routledge, 2020. p. 376–388.

OLSHTAIN, E. Translating noun-compounds from English into Hebrew. In: HOUSE, J.; BLUM-KULKA, S. (ed.). *Interlingual and intercultural communication: Discourse and*

cognition in translation and second language acquisition studies. Berlin: Narr, 1986. p. 229–242.

PACTE. Building a translation competence model. In: ALVES, F. (ed.). *Triangulating translation: Perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 43–66.

PACTE. Investigating translation competence: Conceptual and methodological issues. *Meta*, v. 50, n. 2, p. 609–619, 2005.

PACTE. Results of the validation of the PACTE translation competence model: translation problems and translation competence. In: ALVSTAD, C.; HILD, A.; TISELIUS, E. (ed.). *Methods and strategies of process research: Integrative approaches in translation studies*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p. 317–343.

PACTE. Researching translation competence. Amsterdam: John Benjamins, 2017.

PAGANO, A.; DA SILVA, I. A. L. Domain knowledge in translation task execution: an analysis of academic researchers performing as translators. In: INTERNATIONAL FEDERATION OF TRANSLATORS (ed.). *Proceedings of the XVIII FIT world congress*. Beijing: Foreign Language Press, 2008. p. 1–12.

RIBEIRO, R. The language barrier as an aid to communication. *Social Studies of Science*, v. 37, n. 4, p. 561–584, 2007.

RIBEIRO, R. The embodied versus embedded versions of expertise: revisiting the Dreyfus-Collins debate. In: SANDBERG, J.; ROULEAU, L.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H. (ed.). *Skillful performance: Enacting capabilities, knowledge, competence, and expertise in organizations*. 2017. p. 1–37.

RISKU, H.; ROGL, R. Translation and situated, embodied, distributed, embedded and extended cognition. In: ALVES, F.; JAKOBSEN, A. L. (ed.). *The Routledge handbook of translation and cognition*. London: Routledge, 2020. p. 478–499.

RISKU, H.; WINDHAGER, F. Extended translation: a socio-cognitive research agenda. *Target*, v. 25, n. 1, p. 33–45, 2013.

ROBBINS, P.; AYDEDE, M. (ed.). *The Cambridge handbook of situated cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ROTHER-NEVES, R. Notes on the concept of “translator’s competence”. *Quaderns*, n. 14, p. 125–138, 2007.

SANDROCK, U. “Thinking-aloud Protocols” (TAPs)—Ein Instrument zur Dekomposition des komplexen Prozesses “Übersetzen”. 1982. Diplomarbeit (Unpublished)—University of Kassel, Kassel, Germany.

SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. Developing translation competence: Introduction. In: SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. (ed.). *Developing translation competence*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p. vii–xv.

SCHMALTZ, M. Resolução de problemas na tradução de metáforas linguísticas do chinês para o português: Um estudo empírico-experimental. 2015. Tese (Doutorado)—University of Macau, Macau, China.

SHREVE, G. M. Cognition and the evolution of translation competence. In: DANKS, J. M. et al. (ed.). *Cognitive processes in translation and interpreting*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1997. v. 3, p. 120–136.

SHREVE, G. M. Knowing translation: Cognitive and experiential aspects of expertise in translation from the perspective of expertise studies. In: RICCARDI, A. (ed.). *Translation studies: Perspectives on an emerging discipline*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 150–171.

SHREVE, G. M. The deliberate practice: Translation and expertise. *Journal of Translation Studies*, v. 9, n. 1, p. 27–42, 2006.

SHREVE, G. M. Professional translator development from an expertise perspective. In: ANGELONE, E.; EHRENSBERGER-DOW, M.; MASSEY, G. (ed.). *The Bloomsbury Companion to Language Industry Studies*. London: Bloomsbury Academic, 2020. p. 153–178.

SHREVE, G. M.; ANGELONE, E.; LACRUZ, I. Are expertise and translation competence the same? Psychological reality and the theoretical status of competence. In: LACRUZ, I.; JÄÄSKELÄINEN, R. (ed.). *Innovation and expansion in translation process research*. Amsterdam: John Benjamins, 2018. p. 37–54.

SIMON, H. A.; CHASE, W. G. Skill in chess. *American Scientist*, v. 61, n. 4, p. 394–403, 1973.

SIRÉN, S.; HAKKARAINEN, K. Expertise in translation. *Across Languages and Cultures*, v. 3, n. 1, p. 71–82, 2002.

TIRKKONEN-CONDIT, S. The monitor model revisited: evidence from process research. *Meta: Translators' Journal*, v. 50, n. 2, p. 405–414, 2005.

TISELIUS, E. Same, same but different? Competence and expertise in translation and interpreting studies. 2013. Trial Lecture for the Doctoral Degree—University of Bergen, Bergen, Norway.

TISELIUS, E. Experience and expertise in conference interpreting. 2013. Tese (Doutorado)—University of Bergen, Bergen, Norway.

TOULMIN, S. Human understanding. London: Oxford University Press, 1972.